

PIBID: HISTÓRIA E LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE GRADUANDOS COMO PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

ÉRICA MARTINS DE CARVALHO*

NAIANY DE ARAÚJO SANTOS COSTA**

A Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (Capes), desenvolve junto com as universidades do país o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Em Uberaba a Universidade Federal do Triângulo Mineiro desenvolve esse projeto com uma equipe formada em 2009, sendo Coordenadora Institucional a professora Maria Célia Borges¹, e Coordenadora de Gestão de Processos Educacionais professora Sandra Mara Dantas². O Curso de Licenciatura em História desenvolve um subprojeto em História que é coordenado pelo professor Rodrigo de Freitas Costa³, conta também com duas supervisoras Renata Correa Porto da Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia e Joana Darc Silva da Escola Municipal Stella Chaves, local onde desenvolvemos nossas atividades de Iniciação à Docência.

*Graduanda em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM-UBERABA/MG) e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)

** Graduanda em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM-UBERABA/MG) e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)

¹Professora adjunta da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM-UBERABA/MG)

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM-UBERABA/MG)

³ Professor Adjunto de História na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM-UBERABA/MG)

O projeto tem por objetivo incentivar graduando em licenciatura na sua entrada no cotidiano de escolas da rede pública, para conhecer e participar das vivências e práticas dos professores, bem como proporcionar experiências e aprendizados para os graduandos. Usamos então como enfoque para o nosso trabalho as linguagens artísticas, pois acreditamos que, “Trata-se de uma opção metodológica que amplia o olhar do historiador, o campo de estudo, tornando o processo de transmissão e produção de conhecimentos interdisciplinar, dinâmico e flexível.” (Selva, 2003, p. 15)

Antigamente a divisão do curso de Licenciatura no dito três mais um, em que a partir da formação de bacharel somava-se a mais um ano de disciplinas pedagógicas, que eram consideradas necessárias para a formação do professor. Nesse contexto, havia uma separação entre a teoria que era atribuída ao curso específico e a prática que cabia à pedagogia, sendo ela secundária nesse processo de formação. No entanto, o espaço da escola para o graduando contribui para melhor compreender sua ação como futuro professor e, como bem disse CAIMI (2008), “ação e reflexão”, o pensar e repensar a sua profissão na construção de uma aprendizagem dialética é algo fundamental.

Conceber a formação profissional docente como prática reflexiva sobre a ação e como reconstrução permanente de subjetividades implica que se reconheça o seu movimento e que se identifique o professor como um sujeito que constrói o saber ativamente ao longo de seu percurso de vida, que não se limita a reproduzir, a exemplo do “discurso de Eco”, os saberes trazidos do exterior pelos que supostamente detêm os seus segredos formais. Requer, sobretudo, que se destaque o valor da prática – na sala de aula, no contexto escolar -, como elemento de análise e reflexão do professor, criando-se situações que possibilitem a tomada de consciência dos problemas que dela advêm, como advoga García (1995). (CAIMI, 2008, p. 25).

Como graduandas em História, pretendemos demonstrar nossa trajetória durante esse trabalho que nos ofereceu não apenas o conhecimento, sobre o funcionamento de uma escola pela perspectiva de um professor, mas que evidenciou a importância do ensino em sala de aula ancorado na pesquisa acadêmica. A Escola Municipal Estella Chaves, local em que o projeto se desenvolve, situa-se no Bairro Alfredo Feire, afastado da área central da cidade de Uberaba, localizando-se ao lado do distrito Industrial. O bairro foi construído por volta dos anos de 1980, com a finalidade de um ambiente de

moradia para os trabalhadores das fábricas. Hoje o ambiente escolar é frequentado por grande parte por alunos flutuantes, devido à mobilidade das famílias. Muitos pais trabalham em usinas, e por esse motivo a escola recebe alunos, que não frequentaram um mesmo ambiente escolar por muito tempo. Em um primeiro momento, conhecemos as turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, com a qual trabalhamos, visitamos a biblioteca e não tivemos acesso ao plano político pedagógico da escola. A escola não trabalha com livro didático, mas sim com um sistema de apostilas, como todas as instituições de ensino da rede municipal da cidade⁴. Com esse sistema, o professor passa a ter um tempo delimitado para ministrar um conteúdo específico

A partir disso, problematizamos algumas questões surgidas no desenvolvimento do projeto. Exemplo: Como essa escola se localiza em Uberaba? Qual a realidade social do aluno que frequenta esse espaço pedagógico? Como trabalhar sem suporte material? De que maneira trabalhar uma educação dinâmica e humanista sem perder o enfoque teórico? Como superar as inseguranças diante dos alunos? Qual a importância da biblioteca nessa instituição de ensino?

Farias (1999) diz:

Cabe ao professor a tentativa de desenvolver nos alunos o entendimento crítico da dinâmica, história, tornando-os sujeitos atentos à reflexão dos acontecimentos históricos, oportunizar aos mesmos a desmistificação da história dita oficial; aplicar a pedagogia da descoberta, de forma a elucidar e debater as várias problemáticas referentes à história. Enfim, descobrir a história e o sujeito que somos, praticando a nossa cidadania, consciente de que estamos agindo historicamente. (FARIAS,1999 ,p. 363)

É importante também destacar, o papel da biblioteca na escola, que nos ofereceu um suporte imprescindível. Com algumas visitas ao local, encontramos um amplo acervo de revistas especializadas em história (doadas pelos professores), livros e revistas com os temas de artes, músicas, possibilitando ainda que precariamente (pois no local, existe apenas um computador) o nosso acesso à internet e o uso do computador. Foi perceptível que esse ambiente não é muito frequentado pelos alunos, pois esses

⁴ No ano de 2011, foi distribuído para as escolas municipais de Uberaba um kit contendo uniformes, material, agenda escolar etc. Dentre as mudanças implantadas na época a substituição do livro didático para o uso de apostilas. As apostilas utilizadas são produzidas e usadas pelos alunos do Colégio Cenecista Dr. José Ferreira que é uma instituição de ensino particular que atende alunos do maternal ao pré-vestibular na cidade de Uberaba.

desconheciam o acervo que apresentamos a eles em nossas visitas ao local. Pensando nisso, fizemos da biblioteca o local de encontro com os alunos que participaram do projeto, visando mostrar a importância do local e do suporte que o acervo poderia oferecer para o desenvolvimento do nosso trabalho. De acordo Maura Esandola Tavares Quinhões:

A Biblioteca Escolar deveria tornar-se “o coração da escola”, um centro dinâmico, que atuando em consonância com a sala-de-aula participaria em todos os níveis e momentos do processo de desenvolvimento curricular, composto de um acervo de material de ensino e de leitura diversificado, organizado, acessível a alunos e professores e adaptado às aspirações do momento. (ESANDOLA, 1999, pag. 179)

A partir dessa constatação, refletimos sobre a melhor forma de aplicar o PIBID como instrumento para ajudar à professora aprimorando o tempo de estudos de alguns temas, sem minimizar, a parte teórica do ensino de história.

Consideramos então que os conteúdos deveriam ser trabalhos de forma contextualizada, e sem perder o viés das linguagens artísticas. Analisamos a apostila usada e delimitamos alguns temas a serem discutidos, juntamente com a professora e o coordenador do subprojeto. A partir disso, propomos aos alunos elaboração e construção de um mural coletivo onde o tema a ser trabalhado seria Movimentos Culturais dos anos 1960: Música, cinema, teatro, artes plásticas e movimento hippie. Executamos o projeto com a turma de 9º ano, dividimos a turma em cinco grupos, sendo que um integrante do Pibid era responsável por um tema; todos os alunos tiveram a oportunidade de escolher com qual grupo queriam participar. Iniciamos assim reuniões semanais com os alunos durante o horário da aula de história para discutir sobre tema de trabalho. Como mencionado anteriormente utilizamos o espaço da biblioteca para esses encontros, devido ao silêncio e ao material, ali disponível para a pesquisa.

Nos encontros com os grupos de alunos utilizamos de várias fontes de pesquisas, no que se diz respeito ao trabalho desenvolvido com a temática dos filmes, foi possível perceber a animação dos alunos com esse tipo de linguagem artística, em algumas cenas era perceptível o quanto se sentiam confortáveis com o meio de comunicação.

As análises que realizaram sobre filmes soviéticos e do período nazista (Ferro) e do neo-realismo italiano (Sorlin) evidenciaram que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, como acreditava Serrano em seu livro didático, mas reconstrói a realidade com base em uma linguagem própria, produzida em determinado contexto histórico. (BITTENCOURT, 2004, p. 373)

Os filmes eram escolhidos pelos alunos que faziam uma pesquisa sobre o que foi produzido no período dos anos 1960 ou que tratava dele, e assim poderiam escolher o que mais lhes agradavam para assistir, a partir disso os alunos começavam a mostrar suas dúvidas em relação ao que o filme tratava, principalmente quanto à relação do filme com os anos 1960. Foi necessário uma pesquisa em torno do tema para que não apenas desse conta do que o filme tratava, mas do conjunto de ligações existentes entre o filme, que era apenas um suporte para a aprendizagem e o objetivo principal do trabalho, que era incitar os alunos para uma visão de que a disciplina de história na escola está intrinsecamente ligada à vida do ser humano na atualidade.

Mas cabe indagar que trabalho os professores têm efetivamente realizado com a linguagem cinematográfica: usam-na como ilustração de um tema de aula? Trabalham com os alunos como se os filmes fossem “ressurreições históricas”, ou são apenas considerados e, portanto, analisados como veículos da ideologia dominante? (BITTENCOURT, 2004, p. 372)

Ao trabalhar o movimento hippie, o que chamou a atenção dos alunos, foram a questão das drogas e a maneira de protesto que eles abordaram perante a Guerra do Vietnã. Por ser um suporte que chama atenção dos alunos, nesse momento, também fizemos uso de vídeos e documentários na primeira reunião, analisando o movimento nos Estados Unidos seus princípios ideológicos e o uso de drogas.

Decorridos vários anos de aperfeiçoamento de técnicas audiovisuais, os filmes penetram no cotidiano dos alunos pela televisão e pelo vídeo, constatando-se verdadeira invasão de imagens, enorme aprendizagem “pelos olhos”, cujo alcance pedagógico, entretanto, é difícil de ser avaliado (BITTENCOURT, 2004, p. 372)

Foi proposto aos alunos para fazerem uma pesquisa em casa, leva-lá para o segundo encontro. Nos surpreendemos com a pesquisa apresentada, eles levantaram questões

desde o vestuário, a música, mas se focaram no uso das simbologias e o uso de drogas. Eles sentiram-se mais a vontade para falar desses assuntos do que os aspectos políticos do movimento.

Como primeiro contato com os alunos, o grupo apresentou em alguns momentos dificuldades em lidar com a disciplina, o alto nível de faltas, a necessidade de ver o trabalho recompensado com uma nota final e com a falta de concentração dos alunos quando se tratava de uma exposição teórica. Mas após a montagem do painel e a apresentação desse para a turma, analisamos a experiência com um resultado satisfatório. Como estudantes de licenciatura essa experiência nos faz responsáveis por um ensino que contribua com uma aprendizagem mais autônoma dos alunos, nos fazendo refletir cada vez mais sobre a importância da pesquisa para a aula e o que ela suscita no professor.

A relação existente entre a pesquisa que é muito difundida na universidade pública e o espaço escolar nem sempre tiveram uma relação tão íntima e dialética, tendo em vista, os processos pelo qual a educação vem enfrentando desde meados do século XX, as inúmeras tentativas em tornar a educação simplesmente técnica. Por meio do Programa ao qual já foi mencionado, tivemos a possibilidade de perceber na prática a importância da pesquisa para o ensino em sala de aula.

O professor passou a ser concebido e a se conceber como alguém dotado de historicidade, ser que produz, sente, vive de forma crítica, criativa, sensível, enfim, autor, produtor de saberes e de práticas educativas. Se a racionalidade técnica implicava na dissociação entre o eu pessoal e o eu profissional, entre teoria e prática, nessas novas concepções, tais dimensões se aproximam. São fluidas as relações entre a formação e a prática docentes, entre os espaços de vida e de trabalho. Como movimento dialético, tem tensões, distanciamentos e aproximações (SILVA; FONSECA, 2007, p. 39.)

A teoria é tida como pertencente à pesquisa e ao professor universitário, ao pesquisador, que nem sempre tem uma relação direta com a escola de Ensino Básico, e o professor da escola, de sala de aula, por sua vez é tido apenas como o que pratica, o que tem a experiência, a prática, no entanto, a aprendizagem/ensino não existe apenas com a teoria ou a prática as duas se complementam e por meio dessa fusão é que é possível um aprendizado de melhor qualidade.

Nesse sentido, nas concepções críticas, a pesquisa não é apenas um elemento para melhor qualificar a formação e a prática docente, mas uma postura política de produção de saberes, transgressão, emancipação e transformação social. Na sala de aula, seja no espaço acadêmico do curso de licenciatura, seja na educação básica, a pesquisa é estratégica para a formação crítica dos sujeitos (SILVA; FONSECA, 2007, p. 37.)

O trabalho com o PIBID nos propiciou a oportunidade de perceber a sala de aula, com seus problemas, limitações e principalmente como lidar com situações do qual somente a experiência pode contribuir para um melhor desdobramento, é um viver na escola em que é possível a reflexão de teorias e práticas, do *ser professor*, de se perceber como sujeito capaz de contribuir para uma educação mais autônoma e crítica.

Imagens diversas produzidas pela capacidade artística humana também nos informam sobre o passado das sociedades, sobre suas sensações, seu trabalho, suas paisagens, caminhos, cidades, guerras. Qualquer imagem é importante, e não aquela produzida por artistas. Fotografias ou quadros registram as pessoas, seus rostos e vestuários e são marcas de uma história. Produções modernas, como os filmes, registram a vida contemporânea e reconstróem o passado, revivendo guerras, batalhas e amores de outrora, ou ainda imaginam o tempo futuro. Trata-se de imagens em movimento e com som (BITTENCOURT, 2004, p. 353.)

Na perspectiva de que o ensino/aprendizagem de História não se dá apenas em sala de aula com materiais didáticos preparados para tal é que o trabalho com as Linguagens Artísticas contribui para a educação, sendo que a cultura material como as imagens, a música, os filmes, etc, fazem parte do cotidiano dos alunos, que conseguem perceber o ensino por uma outra via que não apenas a aula expositiva que em muitos casos é tão cansativa para eles, no entanto, é importante perceber que essa cultura material não pode ser usada sem um objetivo específico e para tanto o professor precisa estar atento e preparado.

[...] completam a apresentação dos “documentos” não escritos que podem ser transformados em materiais didáticos preciosos na constituição do conhecimento histórico escolar. Para todos esses documentos existem métodos de análise comuns, mas é preciso estar atento às características de suas linguagens, de suas formas específicas de produzir e veicular as informações (BITTENCOURT, 2004, p. 354.)

E mais uma vez é evidente que não se pode trabalhar com esses temas e “documentos” sem uma pesquisa, sem uma reiteração do objetivo do professor, assim

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

sistematizar o que e como fazer com esse material, de forma que não seja apenas um meio de driblar os métodos tradicionais de ensino.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Referencias

FARIAS, KelsonAdriani. O Professor de História e o Drama de Ensinar. In: XX Simpósio Nacional de História. História e Fronteiras. Florianópolis: ANPUH, 1999. p. 363.

<http://alfredofreire.blogspot.com.br/2010/06/historia-do-bairro-alfredo-freire.html>

BIBLIOTECA ESCOLAR: sua importância e seu espaço no sistema educacional do Estado do Rio Janeiro Maura Esandola Tavares Quinhões
<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/125.pdf>

BITTENCOURT, C. M. F. Documentos Não Escritos na Sala de Aula. In: _____. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. cap. 3, p. 353-396.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães (Org.). Entre a Formação Básica e a Pesquisa Acadêmica. In: _____. **Ensinar História no Século XXI: Em busca do tempo entendido**. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007. cap. 1, p. 13-41.

CAIMI, Flávia Eloisa. Construindo Percursos Investigativos. In: _____. **Aprendendo a Ser Professor de História**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008. cap. 1, p. 19-80.